

Programa de Coinvestimentos da Cultura **Fundo a Fundo**



Conceitos Gerais Que Envolvem a Cultura Popular e Tradicional

Luiz Henrique Rodrigues

Mestre em Ciências Sociais

Assessor da Gerência de Memória e Patrimônio /

SECULT



Cultura

“É parte do que somos, nela está o que regula nossa convivência e nossa comunicação em sociedade”. (GEERTZ)

“É uma **teia de significados** tecida pelo homem. Essa **teia** orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca”. (GEERTZ)



popular

Costumes de uma sociedade ou região, na qual a população pratica constantemente e de forma ativa, através de diferentes manifestações como dança, teatro, arte, literatura, folclore, folguedos, gastronomia, música, etc.

Tradicional

Tradição no sentido etimológico da palavra de “dizer através do tempo”, significando ser uma prática simbólica que é constantemente reiterada, transformada e atualizada que faz manter entre seus praticantes um vínculo do presente com o passado

PATRIMÔNIO

A palavra patrimônio vem de *pater*, que significa pai e tem origem no latim. Patrimônio é o que o pai deixa para o seu filho. Assim, a palavra patrimônio passou a ser usada quando nos referimos aos bens ou riquezas de uma pessoa, de uma família, de uma empresa.

(<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e>. Acesso em 21/08/2019)



Formas de Patrimônios

- Econômicos;
- Financeiros;
- Imobiliários;
- Econômico e financeiro de uma empresa; de um país; de uma família; de um indivíduo;
- **Cultural:**
 - Arquitetônico;
 - Artístico;
 - Etnográfico;
 - Genético
 - Material
 - Imaterial ou Intangível

Patrimônio Cultural

É o conjunto de todos os bens, manifestações populares, cultos, tradições tanto materiais quanto imateriais (intangíveis), que reconhecidos de acordo com sua ancestralidade, importância histórica e cultural de uma região (país, localidade ou comunidade) adquirem um valor único e de durabilidade representativa simbólica/material.

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_cultural. Acesso em 21/08/2019)

Patrimônio da Humanidade

É uma região, área (denominadas "sítios") ou práticas, costumes e rituais que vem a ser considerado pela comunidade científica, devido a sua singularidade e relevância, de inigualável e fundamental importância para a humanidade devido ao seu valor histórico, arqueológico, natural, ambiental, ou um conjunto desses fatores.

Preservação do patrimônio cultural da humanidade

O evento que suscitou especial preocupação internacional foi a decisão de construir a grande represa da Assuan no Egito, com a qual se inundaria o vale em que se encontravam os templos de Abu Simbel, um tesouro da antiga civilização egípcia. Em 1959, a UNESCO decidiu lançar uma campanha internacional a partir de uma solicitação dos governos do Egito e Sudão.

(UNESCO)



Patrimônio Nacional

A ideia de Patrimônio Imaterial surge durante a Revolução Francesa com o objetivo de proteger da rapinagem, roubos, saques, depredações e destruição os imóveis e as obras de arte, que antes pertenciam a clero e à nobreza, que foram transformados em propriedades do Estado.

“Apoiada no saber dos eruditos e na vontade daqueles que, mesmo não sendo aristocratas, não queriam ver tais riquezas e obras de artes destruídas, a noção de Patrimônio Nacional nasceu de um embate de forças, apelando a um sentimento nacional e atendendo a uma conveniência econômica”.

(SANT'ANA, 2009)

Patrimônio Cultural Brasileiro

Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.



Patrimônios Culturais Ou Bens de Natureza Materiais, Natureza Imateriais e Patrimônio Natural



Patrimônio Material

É formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

Eles estão divididos em:

- Bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos;
- Bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Patrimônio Cultural Imaterial

“São as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

(UNESCO)

“Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

(UNESCO)

Patrimônio Natural

“Compreende áreas de importância preservacionista e histórica, beleza cênica, enfim, áreas que transmitem à população a importância do ambiente natural para que nos lembremos quem somos, o que fazemos, de onde viemos e, por consequência, como seremos”.

<https://www.es.gov.br/cultura/patrimonio-cultural>



Instrumentos institucionais de Proteção dos Bens culturais

- Tombos
- Registros

Patrimônios Tombados

Material – Bens de *Pedra e Cal* = Igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos de estilo arquitetônico específico (Porto de São Mateus).

Patrimônios Registrados

Imaterial – Bens Intangíveis (Expressões Culturais) = línguas, festas, rituais, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas, fazeres e danças diversificadas (Capoeira, Jongo, Caxambu, Samba de Roda, Maracatu, etc.)

Salvaguarda do Patrimônio Imaterial

A política de salvaguarda engloba ações de identificação, reconhecimento, apoio e fomento a bens culturais imateriais de comunidades e grupos de todo o país.

A partir dela, entende-se por salvaguarda o conjunto de medidas que visam garantir a viabilidade do Patrimônio Cultural Imaterial, tais como a identificação, documentação, investigação, proteção, valorização, promoção, transmissão e revitalização desse patrimônio.



DECRETO Nº 3.551 DE 4 DE AGOSTO DE 2000.

Institui o **Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial** que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial** e da outras providências.



Livros de Registro dos Imateriais

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO **LEI Nº 6.237**

12 de junho de 2000.

Cria o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, como instrumento de acautelamento e institui o “Programa Estadual de Identificação e Referenciamento de Bens Culturais de Natureza Imaterial”.

Art. 1º Fica criado o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, como instrumento de acautelamento.



§ 1º Entende-se por bens culturais de natureza imaterial as criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social.

§ 2º Entende-se por comunidade cultural grupos sociais circunscritos culturalmente.

§ 3º Para os efeitos desta Lei toma-se tradição no seu sentido etimológico de “dizer através do tempo”, significando práticas rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado.

Programa de
Coinvestimentos
da Cultura
Fundo a Fundo

Patrimônios Capixabas



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria de Cultura

Sítios Históricos

**Bens e imóveis tombados
isoladamente**

Bens Naturais





Porto de São Mateus

O Porto de São Mateus remonta ao século 16, e sua fundação se deu em meio a lutas entre portugueses, índios aymorés e Africanos escravizados, pois, desde 1621, várias etnias ,em especial os bantos , foram trazidos para o Espírito Santo.

São Mateus veio a consolidar-se por uma economia de base agrícola, em especial, da mandioca. Constituindo-se, assim, num caso único no Espírito Santo de sustentação econômica embasada no ciclo da mandioca, e, mais ainda: tendo a mandioca como propulsora do comércio de café no local.

Construído em 1680 tornou-se o principal porto de comércio de escravizados e de farinha de mandioca da região norte do ES.



Santa Leopoldina



A história de Santa Leopoldina registra a presença de descendentes portugueses, Afrosdescendentes, índios e imigrantes de diferentes procedências. São prussianos, saxônios, hessienses, bandenses, holsacianos, nassauenses, alemães de outras regiões.

Localizada junto ao último trecho navegável do Rio Santa Maria da Vitória, cuja foz situa-se a capital do estado, Vitória, a vila de Santa Leopoldina era um local de atividades portuárias tais como armazenamento, comercialização e distribuição de café, esse “ouro verde” tão importante na economia capixaba.

O casario histórico da Rua do Comércio tradicionalmente apresenta uso misto, com estabelecimentos comerciais no térreo e residencial no primeiro pavimento.



São Pedro do Itabapoana



A ocupação da região de São Pedro do Itabapoana confunde-se com a do sul do Espírito Santo, alguns dizem que começou em 1837 outros que foi 1852.

A original freguesia de São Pedro de Alcântara do Itabapoana, assim nomeada em homenagem ao imperador Dom Pedro II, foi criada pela Lei nº 1, de 20 março de 1880; em 1891, a vila é elevada à condição de cidade; em 1920, o município chegou a mais de 31 mil habitantes.

Em 1930, sua comarca é transferida para Mimoso do Sul. Motivo político para a transferência, foi que a comunidade de São Pedro havia se colocado contra a Revolução de 1930.

Rebaixada à distrito do município, São Pedro do Itapaboana estagnou no começo do século 20.





Muqui

Uma cidade encravada nas serras do Espírito Santo, sua história começa em 1850, com a chegada de imigrantes vindos do Vale do Rio Paraíba a procura de novas terras para o plantio do café.

Inúmeras fazendas se formaram e em 1901 chega, ao então Arraial, a Estrada de Ferro Leopoldina, a inauguração da estação ferroviária em 1902, foi um marco definitivo para a economia local, alavancando um grande desenvolvimento.

Em função das fazendas de café, Muqui viveu um período de muita riqueza nas décadas de 20 e 30 do século XX, construíram-se casarões, sobrados e palacetes, formando um belíssimo conjunto arquitetônico. Atualmente Muqui apresenta 186 imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico.

Itapina



Itapina foi fundada em meados do século XIX por imigrantes europeus, às margens do Rio Doce. Em 1919 foi inaugurada a Estação Ferroviária de Itapina, da Estrada de Ferro Vitória-Minas. A partir da década de 1910 Itapina viu a cidade florescer e se tornar um dos polos comerciais de café mais ricos do Espírito Santo.

Desde a década de 1970 devido a um conjunto de fatores como o declínio da produção de café, o não término da ponte e o êxodo rural o vilarejo começou entrar em declínio, tendo grande parte de seus moradores se mudado para cidades maiores como Vitória e Colatina em busca de melhor qualidade de vida.

Atualmente a economia do vilarejo se reduz a bares, uma única farmácia e um posto de correio, e fora do perímetro urbano, de atividades agropecuárias.



Bens e imóveis tombados isoladamente



Trapiche - Marataízes



Localizado na região de Barra de Itapemirim, a construção remete a década de 1880.

Recebeu esse nome devido à construção de duas águias que foram colocadas em seu telhado, em homenagem aos dois filhos de Simão Rodrigues Soares, um negociante que adquiriu a mansão em 1903.

Palácio das Águias é patrimônio cultural do Espírito Santo, tombado em 1998 com o velho Trapiche.

Atualmente o espaço do Palácio das Águias é palco de várias manifestações culturais, devolvendo a população o gosto das visitas e o prazer da leitura. Possui mais de oito mil títulos de livros, contendo quase todos os clássicos da literatura brasileira, estrangeira e da capixaba.



Residência Virgílio Lambert



Considerada uma das primeiras casas de imigrantes italianos construídas em Santa Teresa, a Casa Lambert foi feita pelos irmãos Antônio e Virgílio Lambert em 1876, logo após chegarem no Brasil em 1875.

Atualmente, a Casa Lambert funciona como um museu, ou uma casa de memória, contando através de objetos, painéis explicativos e fotos a história da família Lambert e, por consequência, da imigração italiana para o Brasil.

Programa de
Coinvestimentos
da Cultura
Fundo a Fundo

Bens Naturais



Patrimônio Paisagístico – Dunas de Itaúnas



A primeira iniciativa para a proteção ambiental na região de Itaúnas foi idealizada pelo cientista naturalista Augusto Ruschi, na década de 1940. Reconhecendo a riqueza natural da região, a proposta previa a criação de uma reserva florestal com 10.000 hectares, mas não foi consolidada. Mais tarde, em 1986, as dunas de Itaúnas foram tombadas como monumento natural do Espírito Santo, pelo Conselho Estadual de Cultura.

Patrimônios Imateriais Brasileiros no Espírito Santo



Ofício das Panelleiras de Goiabeira



O saber envolvido na fabricação artesanal de panelas de barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo Iphan, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002. O processo de produção no bairro de Goiabeiras Velha, em Vitória, no Espírito Santo, emprega técnicas tradicionais e matérias-primas provenientes do meio natural. A atividade, eminentemente feminina, é tradicionalmente repassada pelas artesãs panelleiras, às suas filhas, netas, sobrinhas e vizinhas, no convívio doméstico e comunitário.

Roda de Capoeira



A Roda de Capoeira - inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 - é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros. A UNESCO declarou a roda de capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (26/11/2014).



Jongo e Caxambu

O Jongo no Sudeste é uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos de espiritualidade. É praticado nos quintais das periferias urbanas e em algumas comunidades rurais do sudeste brasileiro. Nessa região, é praticado nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Foi inscrito no Livro das Formas de Expressão em 2005.



Programa de
Coinvestimentos
da Cultura
Fundo a Fundo



Roda de Caxambu



Roda de Jongo

No ES o jongo, caxambu ou tambor, como também é chamado, é praticado por 28 (vinte e oito) grupos. Destes 13 estão na região norte e 15 na região sul. 02 são grupos mirins estando um em Itapemirim e o outro em Santana – Conceição da Barra. Essa prática cultural também é ensinada em algumas escolas de ensino fundamenta por mestres indicados pelas comunidades e contratados pelas prefeitura.

(Projeto Jongos e Caxambus: Cultura Afro-Brasileira no ES – UFES)



CONGO

Patrimônio Imaterial do Espírito Santo





Congo

Congo é um gênero musical afro-brasileiro, típico das regiões litorâneas do **Espírito Santo**. Sendo um bem de natureza imaterial, foi reconhecido como patrimônio Estadual em 2015.

As **Banda de Congo** são conjuntos musicais que tocam, cantam e dançam principalmente em festas religiosas, como as de São Benedito, São Pedro, São Sebastião e Nossa Senhora da Penha (Padroeira do Estado).

O número de componentes de uma banda varia entre 10 e 15 membros, entre instrumentistas (geralmente homens), as cantoras (na sua grande maioria mulheres), o mestre, a guardiã da bandeira, a porta estandarte e as crianças. Os estandartes identificam o grupo e o santo de sua devoção.

Os homens se apresentam uniformizados com calça comprida e camisa e as mulheres com saia rodada e blusa que identificam o grupo.



Carnaval de Congo e Mascaras de Roda D'Água



O Carnaval de Congo de Máscaras é uma tradição capixaba. Conta-se que a festa foi criada pelos antigos escravizados que não podiam participar da festa em homenagem a Nossa Senhora da Penha. Para não serem reconhecidos, os participantes usavam máscaras. E para dificultar o reconhecimento, se vestiam com palhas secas de bananeira. Surgiu então o personagem João Bananeira. Com o tempo o personagem tornou-se um dos símbolos desta tradição. Em 2015 Cariacica cria Lei Municipal de Incentivo Financeiro à Cultura “João Bananeira” em homenagem esse personagem do Congo Cariaciquense

ALGUNS BENS IMATERIAIS DA CULTURA POPULAR DO ESPÍRITO SANTO.





Baile de Congo de São Benedito Ticumbi de São Benedito

O Ticumbi é uma expressão cultural do norte do Espírito Santo, especificamente da região do Sapê do Norte e Conceição da Barra (Sede). De tradição quilombola, sua história se confunde com a história do território. O auto que homenageia São Benedito, santo católico negro Etíope, foi desenvolvido ao menos há 150 anos, nas fazendas produtoras de mandioca e de café, pelo africanos e seus descendentes que foram escravizados naquela região. Com o passar dos anos e a abolição da escravidão, o então canto que motivava a fuga para os quilombos foi resignificado e transformado em um dos elementos de resistência cultural e de identidade quilombola.



Além do Ticumbi de São Benedito de Conceição da Barra (Sede) que tem seus festejos nos dias 30, 31 de dezembro e 1 de janeiro; na Vila de Itaúnas há três Ticumbis de São Benedito existentes, que são:

“Baile de Congos de São Benedito do Bongado” ou “Ticumbi do Sertão”;

“Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas”;

“Baile de Congos de São Benedito do Angelim”.

Esse realizam suas apresentações no dia 20 de janeiro, dia em que se comemora São Sebastião padroeiro de Itaúnas.

Alardo



O Alardo de São Sebastião é um folguedo popular do sul da Bahia e norte do Espírito Santo (município de Conceição da Barra).

São Sebastião, um dos santos mais populares do Brasil, é orago de muitas paróquias e dá nome a vários municípios brasileiros, além de vilas e povoados. Calcula-se que há mais de 200 anos se realiza, no dia 20 de janeiro, a festa de São Sebastião em Conceição da Barra, festa que nos dias de hoje acontece no distrito de Itaúnas.

O Alardo de São Sebastião é representado em dois atos, nos dias 19 e 20 de janeiro, com participação de 15 a 20 guerreiros de cada lado. O folguedo consiste numa disputa entre cristãos e mouros pela posse da imagem de São Sebastião. Os cristãos usam indumentária azul, tendo a cruz por símbolo. Os mouros vestem-se de vermelho e têm como símbolo a meia lua ou lua crescente.



Reis de Boi



Esse folguedo tem sua origem no teatro popular medieval da península ibérica. Desenvolvido, principalmente, nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, é mais uma tradição afro-brasileira.

Trata-se de um auto em homenagem aos Santos Reis, unindo a temática dos reisados ao auto do Bumba-Meu-Boi. Apresenta-se em 6 de janeiro, dia de Reis, e se prolonga até 3 de fevereiro, quando ocorre a festa de São Brás.

Folia de Reis



Folia de Reis é um cortejo de caráter religioso popular que se realiza em vários Estados do Brasil. Tradição europeia antiga, foi introduzida no Brasil pelos portugueses. A Folia de Reis, que encena a viagem dos Reis Magos em visita ao Menino Jesus recém-nascido, é integrada por doze foliões que representam os doze apóstolos, dentre os quais se incluem o mestre da folia e os tocadores, enquanto os palhaços representam os soldados do rei Herodes.

As Folias iniciam sua peregrinação no ciclo natalino a partir da meia-noite do dia 24 de dezembro, prosseguindo até o dia 6 de janeiro, dia de Reis, e podendo continuar ou não até o dia de São Sebastião, 20 de janeiro.

Também existem as Folias de São Sebastião que, de 7 a 20 de janeiro, dia do santo, saem para homenageá-lo, o que fazem, com devoção, no horário entre 12:00 e 18:00 horas, pois São Sebastião, vivendo nas matas, à noite se guardava de animais e outros perigos. Seus seguidores eram em número de seis e, como em sua história não está presente o rei Herodes, a Folia desse santo não tem palhaços.



Encontro Nacional de Folias de Reis



Encontro Nacional de Folias de Reis da cidade de Muqui não é um torneio para disputas entre as Folias, mas uma ocasião para conagraçamento entre os grupos participantes, com troca de informações entre foliões, mestres, palhaços, bem como entre profissionais, pesquisadores e estudantes da cultura popular.

A esse evento, considerado pela Comissão Nacional de Folclore o mais antigo e o maior encontro de Folias de Reis do Brasil, têm comparecido dezenas de grupos oriundos de outros municípios do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.



Sua primeira edição ocorreu em 1950, ainda em forma de torneio, na gestão do então prefeito municipal Dirceu Cardoso, reunindo apenas as Folias locais. A partir de 1999 o evento deixou de ser torneio, assumindo o caráter e a dimensão atual. O público estimado para esse evento é de 20.000 pessoas.

Pastorinhas



A auto natalino das Pastorinhas tem por devoção o Menino Jesus e a Sagrada Família e foi implantada no Brasil por volta do século XVI pelos portugueses. Pastorinhas constituem um grupo de crianças vestidas de pastoras, trazendo arcos e cestinhas de flores, que, em presença do Menino Jesus na manjedoura, cantam e dançam em seu louvor. Essa representação, se inspira na viagem dos Reis Magos em visita ao Deus Menino.

Pastorinhas ou lapinhas são figuras pastoris típicas da noite de Natal. Após a missa saem cantando suas marchas de rua, acompanhadas pelo povo. O grupo é composto por doze meninas (pastorinhas), três meninos (Reis Magos) e quatro meninos/meninas (anjinhas), vestindo indumentárias que procuram caracterizar as figuras que representam.

A festa das Pastorinhas integra o ciclo das “doze noites” comemorativas do Natal, ciclo que se estende de 25 de dezembro a 6 de janeiro.



Terno de Reis



Terno de Reis é como são chamadas as canções, ou os pequenos grupos de músicos que as realizam, que têm como referência a história bíblica dos Três Reis Magos e suas visitas ao menino Jesus. De origem portuguesa tradicionalmente, os grupos percorrem as casas de suas comunidades desde o dia 25 de dezembro até a véspera do dia 6 de janeiro, data em que se comemora o Dia de Reis.

No Espírito Santo, a denominação apresenta variações em diferentes partes do Estado: Reis de Boi, Folia de Reis e Ternos de Reis. Os grupos saem a cantar pelas casas de pessoas conhecidas, que os homenageiam com bebidas e doces e assumem postura de coral.

o Ternos de Reis prioriza a cantoria, que se faz acompanhar por um conjunto instrumental variável (violão, cavaquinho, clarinete ou outro instrumento de sopro e sanfona ou acordeão). Normalmente os grupos contam com vinte integrantes, que podem ser homens ou mulheres, adultos ou crianças.

A particularidade do Ternos de Reis é que essa tradição não tem participação dos palhaços, diferente, portanto, das Falias de Reis. Esses grupos normalmente são encontrados na zona de influência italiana.



*Charola de São Sebastião de Alto Paulista.
Foto: Luan Volpato*



Charola de São Sebastião

Ligada aos cultos natalinos, a Charola de São Sebastião presta homenagem ao mártir São Sebastião no período que vai de 6 de janeiro, dia de Reis, a 20 de janeiro, dia desse santo.

O grupo sai em jornada, a pé, pelas ruas tocando, cantando ladainhas e carregando a bandeira de São Sebastião batendo à porta das casas. Ao chegar-se diante de uma casa bate-se três vezes na zabumba e, quando o dono da casa atende, o mestre pergunta se ele quer receber a bandeira de São Sebastião. Se aceita, entram todos na casa e cantam, mostrando-se à bandeira, que passa de mão em mão, com toda devoção e respeito.

Os festejos, originalmente católicos, vieram com os portugueses para o Brasil e receberam a influência das religiões e tradições africanas.



Bate Flecha



No Espírito Santo, o Bate-Flechas ocorre como uma expressão cultural de intenção religiosa, em devoção a São Sebastião, sendo praticado também por umbandistas. O grupo é composto por homens e mulheres, podendo ser adultos ou crianças. As mulheres, geralmente em maioria no total do grupo, são as flecheiras, enquanto os homens, em menor número, compõem a banda. A maioria dos grupos conta com cerca de 30 componentes, que se dividem em: Flecheiras – usam suas flechas (duas para cada portadora) como arma na dança da luta espiritual; Mestre – guia protetor que chefia o grupo; Puxador de ponto – marca o ritmo e orienta o grupo; Banda – composta só por homens, toca as músicas.

Normalmente, a dança acontece em dupla e é marcada pelo ritmo da música e do toque das flechas. A banda é composta por cerca de 10 instrumentos, dentre os quais se destacam trompete, bombardino, trombone, zabumba, tarol, bumbo, chocalho e prato.



Mineiro Pau



Mineiro-Pau é uma dança guerreira na qual se usa um bastão como arma de ataque e defesa em simulações de combate. Recebe ainda a denominação de Bateo-Pau-Mineiro ou Manejo-Pau. No grupo, formado por cerca de 25 componentes, os homens tocam e as mulheres cantam.

O acompanhamento musical é feito por um acordeão no centro da roda, viola, violão ou violino, triângulo, pandeiro e tamborim. O solista (violeiro ou violinista) canta acompanhando a música com seu instrumento a fim de animar a dança, que começa com moças e rapazes formando um círculo de mãos dadas. A direção cabe ao mestre ou chefe, que comanda, com um apito, as evoluções, as batidas de bastão, o ritmo, a cantoria. Os bastões, com cerca de metro e meio são de madeira roliça e resistente. Os dançarinos voltam-se ora para a direita, ora para a esquerda, enquanto sapateiam acompanhando o ritmo e o compasso da melodia. O Mineiro Pau. É uma dança popular associada ao ato de corte da cana-de-açúcar e não há santo de devoção.



Quadrilha

A quadrilha é uma das danças mais conhecidas pelo povo. Originada nos bailes das cortes europeias, no Brasil tornou-se a principal referência das festas juninas, tendo sido trazida para cá por mestres de orquestras de danças francesas.

O povo brasileiro deu-lhe outras formas, inclusive o modelo caipira. É uma dança de pares, com número variável de integrantes e vestimenta singular, valorizando o aspecto caipira.

Antigamente as quadrilhas dançavam ao som de sanfona, pandeiro e zabumba, hoje adotaram a música mecânica, normalmente de cantores nordestinos. Dança-se a quadrilha geralmente nas festas de devoção a São João, Santo Antônio e São Pedro.

Há atualmente muitas festas com apresentação de quadrilhas, e para tanto se ensaiam coreografias com grupos de escolas ou associações sociais diversas.

Boi “Pintadinho”



A figura do boi está presente nas tradições brasileiras, principalmente nas zonas rurais. Ora o boi integra os ciclos junino, natalino ou carnavalesco, ora exibe-se solto, arteiro, em dramatização individual. Sua figura assusta e atrai: a cabeça é uma caveira de boi e o corpo, uma armação de madeira ou vergalhão, vestida com tecido bem colorido que desce até o chão, cobrindo o homem que ali dentro se esconde para fazer o boi dançar, pular, correr e investir contra a assistência.

No Espírito Santo esses folguedos levam os nomes de Boi Pintadinho, Boi Janeiro e Boi Juruba. Essa prática cultural chegou ao Espírito Santo vindo do Estado do Rio de Janeiro através do município de Bom Jesus do Itabapoana e expandindo-se por Guaçuí, Alegre Divino de São Lourenço, Ibatiba, Mimoso do Sul, Muqui e São José do Calçado.

O Boi Pintadinho é um folguedo na forma teatral, em que os principais atores, o Boi, a Mulinha e o Espadeiro, também chamado de Toureiro ou Fazendeiro, seguem a brincadeira animados por uma bateria de instrumentos de percussão.



Carnaval Folclórico do Boi

Boi Pintadinho de Muqui - O Carnaval Folclórico, um cortejo dos grupos pelo centro da cidade, visa a fomentar e fortalecer as tradições culturais do município de Muqui, promovendo uma festa reconhecida como diferencial na oferta de Carnaval do Estado. Apresentam-se vários grupos organizados de Boi Pintadinho. Durante os quatro dias de Carnaval, o Boi dança e brinca investindo contra as pessoas e os brincantes do grupo.

Boi Pintadinho de Santo Antônio de Muqui - O carnaval de Santo Antônio de Muqui, distrito de Mimoso do Sul, é um dos mais autênticos e tradicionais carnavales de Boi Pintadinho do Espírito Santo. Tem, como ponto alto, a segunda-feira quando o Boi, acompanhado por quinze mulinhas, Jaguará e tocadores, sai pelas ruas do distrito arregimentando um bloco com mais de cem integrantes.



Boi Janeiro – Realizado no Distrito de Cotaxé, em Ecoporanga, no mês de janeiro, essa brincadeira, que consiste numa espécie de culto ao Boi, antecede o Carnaval e também se processa em forma de cortejo. Os participantes da folia, ao som de canções apropriadas, passam nas casas, cumprimentam os moradores e recebem prenda oferecida pelo dono da casa.

Boi Juruba – Realizado no Centro de Itarana, durante o mês de janeiro, o Boi Juruba sai pelas ruas da cidade, acompanhado de uma pequena bateria. Na medida em que o Boi passa, sai arrebanhando os moradores. Em cada dia o Boi sai de um ponto diferente, sendo que, por tradição, os moradores não sabem o local de saída. A manifestação acontece durante os 30 dias que antecedem o carnaval e a festa é regada com muita jurubeba, bebida típica que é consumida durante o cortejo do Boi



Jaraguá



A Jaraguá é uma brincadeira tradicional que ocorre nas cidades de Anchieta e Alfredo Chaves durante o Carnaval. Trata-se de um bloco carnavalesco em que a figura central, assustadora e fantasmagórica, é a Jaraguá.

Com cabeça de cavalo e corpo de musgo retirado do manguezal, a Jaraguá enquanto divertem uns com os ataques do “animal”, outros querem distância do “bicho”. Essa tradição surgiu na comunidade pesqueira do município de Anchieta. Como Alfredo Chaves foi distrito de Anchieta, essa tradição também existe na comunidade alfredense.

Em Anchieta, a Jaraguá sai às ruas na segunda-feira de Carnaval. Surgindo da beira do mangue, próximo ao rio Benevente, exibe-se em cortejo pelas principais ruas da cidade, brincando com as pessoas, principalmente os moradores do centro em suas casas.

A caminhada é acompanhada de “bois”, “mulinhas” e uma pequena charanga local, mas a figura da Jaraguá, com sua altura agigantada e seu corpo extravagante, projeta-se acima dos demais integrantes do grupo, enquanto dança, salta e investe contra o público, batendo a queixada com estalos impressionantes.



Dança Açoriana



Primeiro grupo de colonos a se instalar no Espírito Santo, no início do século XIX, dando origem à povoação de Viana, hoje município, os açorianos trouxeram de sua terra costumes e tradições com nítidas influências lusitanas. No terreno das danças, a contribuição cultural dos descendentes de açorianos se mantém viva até hoje. São exhibições acompanhadas de canto, palmas, batidas de pé, ao som de música.

O grupo é constituído por 13 casais de dançarinos (que também têm por atribuição cantar), mais a porta-bandeira. Não há músicos, o grupo dança com som mecânico.



Dança Alemã



As danças de origem alemã chegaram ao Espírito Santo com os primeiros colonos vindos da Europa Central em meados do século XIX. As danças em grupo se executam ao som de instrumentos musicais, dentre os quais a concertina.

Geralmente o grupo é composto por sete casais (adultos ou crianças) mais a coordenadora. Vestem trajes típicos alemães, sendo calça preta, camisa branca com blaser e chapéu de tecido (costurado) com borda vermelha para os homens e vestido com blusa, avental e chapéu nas cores preto, vermelho e branco para as mulheres.

O grupo entra em fila no salão, forma um círculo no centro da quadra e apresenta principalmente polcas e valsas sob a orientação da coordenadora, que repassa informações sobre as danças e seus significados.



Dança Holandesa

As danças de tradição holandesa constituem a contribuição cultural dos colonos holandeses assentados no Espírito Santo em meados do século XIX.

Seus descendentes conservam-nas até hoje em localidades do centro-oeste do Estado, onde os primeiros casais de holandeses foram introduzidos como agricultores.

Os trajes típicos e a coreografia variada executada ao som de instrumentos musicais dão um tom característico à apresentação dessas danças de origem holandesa em terras capixabas



Dança Italiana



As danças italiana veio com imigrantes do norte da Itália para o Espírito Santo já no final do século XIX. As danças com sua vitalidade, herança deixada aos descendentes pelos primeiros colonos, são demonstrações de pura alegria, em coreografias movimentadas, coloridas e vistosas, acompanhadas de canto, palmas e batidas de pé, ao som de instrumentos musicais entre os quais predomina a concertina.

O grupo é constituído por cerca de 10 casais de dançarinos que dançam em pares. Na maioria das coreografias as mulheres vestem saia grená ornada de dourado, avental branco rendado, blusa branca com bordado inglês e espartilho grená ornado de dourado, prendem os cabelos num coque com fita dourada e tocam pandeiros decorados por fitas nas cores da bandeira da Itália. Os homens usam sapato preto, meias brancas, calça curta negra, camisa branca de mangas compridas com botões e colete grená ornado de fitas douradas.



Dança Polonesa



Data do fim da terceira década do século XX a corrente imigratória formada por famílias polonesas que foram estabelecidas nas margem esquerda do rio Doce, ao norte de Colatina, com base em convênio entre o governo do Estado do Espírito Santo e a Companhia Polonesa de Varsóvia.

De Águia Branca, núcleo inicial fundado na região com os primeiros colonos poloneses, o folclore capixaba herdou manifestações várias, dentre as quais as danças típicas, que sobrevivem até hoje.

O grupo de dança polonesa é constituído por doze casais. As mulheres vestem blusa branca com forro, colete colorido, saia com forro, bombacha, meia calça e sapatilha e, à cabeça, cabelo ornado com flores e fitas coloridas, enquanto os homens vestem colete colorido, camisa branca, calça e botas.

Dança Pomerana



Os pomeranos (de origem eslava radicados na Prússia) imigraram para o Espírito Santo na década de 1870. Se fixaram nas terras altas de Santa Leopoldina, onde passaram a viver em situação de isolamento, dedicando-se ao cultivo da terra. Ao longo do tempo, preservaram seus costumes e tradições, dentre os quais se incluem as danças típicas, que se desenrolam ao som da concertina.

Na abertura da dança, o grupo se reúne em círculo para a saudação ao público, seguindo-se seis ou oito coreografias e, ao final, a dança de saída, com a despedida do grupo e o grito de guerra.

O grupo é constituído por 11 casais, adultos ou crianças. Os homens vestem calça bege, camisa de manga comprida branca e colete pomerano – traje que dispensa o chapéu – e as mulheres usam sapatilha preta, meia branca, vestido rodado, bombacha branca, anágua, blusa com manga fofa bordada e avental branco bordado.



Dança Portuguesa



As tradições culturais capixaba receberam de Portugal uma carga poderosa de contribuições as mais diversas. Um precioso patrimônio material e imaterial se formou e se cristalizou a partir dessa herança lusitana, imanente no acervo cultural do Espírito Santo.

A identificação de grupos de danças portuguesas atuando no Estado é uma evidência da persistente influência portuguesa em nossas tradições folclóricas.

Normalmente o grupo é constituído por cerca de 10 casais, os homens vestindo camisa de manga comprida branca, meia branca, sapato preto e calça e colete pretos e as mulheres, lenço colorido, blusa, avental, colete e saia vermelhos e sapato preto.

As Práticas culturais populares tradicionais do Estado do Espírito Santo não se limitam aos exemplos aqui expostos. Há uma infinidade de fazeres e saberes tradicionais contidos na cultura popular.

Os conhecimentos perpassam as áreas do artesanato (tambores, casaca, pandeiro, berimbau, boi pintadinho, jaraguá, mascaras do congo, do palhaço da folia e do vaqueiro do reis de boi, etc.), de produção de farinha e outros derivados da mandioca (beiju, bolo, polvilho doce, polvilho azedo, sagu, araruta, tapioca e outros), culinária (moqueca, Broti, polenta, etc), da costura dos trajeis típicos e muitos outros.

Cada coletivo social, cada comunidade tem um elemento cultural que é transmitido entre as gerações e que compõe o mosaico da identidade capixaba.



Programa de
Coinvestimentos
da Cultura
Fundo a Fundo

Educação Patrimonial



A **Educação Patrimonial** consiste na implementação de ações educativas de apropriação, reconhecimento, preservação e valorização do Patrimônio Cultural.

Os **processos educativos** devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural.

É imprescindível que toda ação educativa assegure a **participação da comunidade** na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local.

As políticas de preservação devem priorizar a **construção coletiva e democrática do conhecimento**, por meio do diálogo permanente entre os agentes institucionais e sociais e pela participação das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais. Nesse processo, as iniciativas educativas devem ser encaradas como um recurso fundamental para a valorização da diversidade cultural e para o fortalecimento da identidade local, fazendo uso de múltiplas estratégias e situações de aprendizagem construídas coletivamente.

Intersetorialidade das políticas públicas

Outro fator importante para a ampliação das possibilidades de ações educativas de preservação e valorização do Patrimônio Cultural é o estabelecimento de vínculos das políticas públicas de patrimônio às de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas, favorecendo o intercâmbio de ferramentas educativas para enriquecer o processo pedagógico a elas inerente. Dessa forma, são possíveis a otimização de recursos na efetivação das políticas públicas e a prática de abordagens mais abrangentes e intersetoriais, compreendendo a realidade como lugar de múltiplas dimensões da vida.



Povos e Comunidades Tradicicionais



"Povos e Comunidades Tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

"Decreto Federal nº. 6.040 de 7 de fevereiro de 2000



São Povos Tradicionais

- Indígenas,
- Quilombolas
- Comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro
- Extrativistas
- Ribeirinhos
- Caboclos
- Pescadores artesanais
- Pomeranos
- Ciganos
- Seringueiros
- Outros.

CONVENÇÃO 169 OIT – Povos Indígenas e Tribais

Convenção 169 da OIT sobre os Povos Indígenas e Tribais aprovada em 1989, a **Convenção** busca superar práticas discriminatórias que afetam os povos indígenas e assegurar que participem da tomada de decisões que impactam suas vidas.

Art. 4. Os governos deverão adotar medidas em cooperação com os povos interessados para proteger e preservar o meio ambiente dos territórios que eles habitam. I. Ao aplicar a legislação nacional aos povos interessados deverão ser levados na devida consideração seus costumes ou seu direito consuetudinário.



Constituição Federal de 1988

Seção II DA CULTURA

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afrobrasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO ESPÍRITO SANTO



I Encontro Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais do ES

Dias 23, 24 e 25 de março de 2012 em Aracruz
Carta de Reivindicações ao Governo do ES



DESCRETO Nº 3248-R, DE 11 DE MARÇO DE 2013

Cria Comissão Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e dá outras providências.

São Povos Tradicionais no ES

- Indígenas,
- Quilombolas
- Comunidades tradicionais de matriz africana ou de terreiro
- Pescadores artesanais
- Pomeranos
- Ciganos



Referências:

Atlas do Folclore Capixaba / Usina de Imagem ; Coordenação de Humberto Capai; Fotografias da Usina de Imagem - Espírito Santo, SEBRAE, 2009.

SANT'ANNA, Márcia. A Face imaterial do Patrimônio Cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. . In ___ Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos / Regina Abreu, Mário Chagas (orgs.) — 2ª. ed. — Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 320 p.:i. P.49- 58.

(<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e>. Acesso em 21/08/2019)

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em 21/08/2019

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_cultural. Acesso em 21/08/2019)

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/intangible-heritage/>. Acesso em 21/08/2019

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL Paris, 17 de outubro de 2003

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Acesso em 21/08/2019

Constituição Federal de 1988

Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais

DECRETO Nº 3.551 DE 4 DE AGOSTO DE 2000.

Decreto Federal nº. 6.040 de 7 de fevereiro de 2000

<https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/06/2016/charola-de-sao-sebastiao-e-tema-de-livro-infantil-que-sera-lancado-em-cachoeiro>. Acesso em 26/08/2019.

<http://cultura.gov.br/charola-de-sao-sebastiao-preserva-devocao-e-tradicoes-religiosas-no-espirito-santo/>. Acesso em 26/08/2019



FICHA TÉCNICA

José Renato Casagrande

GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Fabrizio Noronha Fernandes

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

Maria Thereza Bosi de Magalhães

SUBSECRETÁRIA DE ESTADO DE FOMENTO E INCENTIVO A CULTURA

Herivaldo Marcos Rosário Plotegher

GERENTE DO SISTEMA ESTADUAL DE CULTURA – GESEC

Villinevy Koppe Robbi

ASSESSOR TÉCNICO – GESEC

Diego Loureiro Cecato Nunes

SECRETÁRIO EXECUTIVO - GESEC

RESPONSÁVEL TÉCNICO PELO CURSO

Luiz Henrique Rodrigues

ASSESSOR DA GERÊNCIA DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

<https://secult.es.gov.br/>

